BTH

2021

BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS
GUIMARÃES . SÉRIE III . VOL X 2021

A Igreja de São Dâmaso de Guimarães: artistas e obras (1691-1784)

António José de Oliveira

A Igreja de São Dâmaso de Guimarães: artistas e obras (1691-1784) [1]

António José de Oliveira

Investigador do CITCEM
Mestre em História e Cultura Medievais
Doutorado em História de Arte em Portugal

RESUMO

A Igreja São Dâmaso é na História de Arte de Guimarães uma referência, incontornável nos finais do século XVII e durante o século XVIII. Referência pela contratação de artistas locais de nomeada e principalmente por aquilo que ainda nos nossos dias podemos admirar. As obras de carácter arquitetónico e as encomendas dos programas decorativos deste templo, constituem um legado importantíssimo do dinamismo religioso, económico e artístico do seu encomendador.

1 Uma primeira versão deste artigo, foi por nós publicada, embora em suporte eletrónico: OLIVEIRA, António José de – A obra de pedraria e de talha da Igreja de São Dâmaso (1691-1784). *Revista de Artes Decorativas.* Porto: Universidade Católica Portuguesa/CITAR. 6 (2012-2014), pp. 69-94.

1. Transladação e reconstrução da Igreja (1954-1967)

Atualmente a Igreja de São Dâmaso de Guimarães localiza-se no extremo Sudeste do antigo Campo de São Mamede, fronteiro ao Castelo[1]. Este edifício já não se encontra no seu primitivo lugar. Na década de 60 do século XX a igreja foi desmontada do centro da cidade e reconstruída no local onde hoje se encontra - Campo de S. Mamede -, ainda que mantendo-se a sua estrutura. Devido a "*diversos melhoramentos urbanísticos* "[2], efetuou-se a "*demolição maciça de todo o quarteirão que determinou não só o apeamento desta estimável igreja como o desaparecimento da casa onde nascera o insigne Martins Sarmento*"[3]. Este templo localizava-se originalmente "*atras do muro desta villa*"[4], nas proximidades do Convento de São Francisco.

Fig. 1 – Igreja de S. Dâmaso e Convento São Francisco – Década 50 do séc. XX (foto DREMN)

1 Este imóvel pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães está incluído na Zona Especial de Proteção do Núcleo Urbano da Cidade de Guimarães e na Zona Especial de Proteção Conjunta do Castelo de Guimarães, Igreja de São Miguel e Paço dos Duques de Bragança.

2 ALMEIDA, Jerónimo de – *Os azulejos da Igreja de S. Dâmaso de Guimarães, 1960, p.5.*

3 Guimarães. *In Guia de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol.4, Tomo II, Minho, 2ª Edição, p.1222. Sobre o processo de demolição e reconstrução da igreja, veja-se: RIBEIRO, José Manuel Oliveira – A Igreja de S. Dâmaso de Guimarães. *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo pimenta. 41 (1990), pp. 61-94; Meireles, Maria José Marinho de Queirós – *O Património urbano de Guimarães no contexto da Época Contemporânea (séculos XIX-XX): permanências e alterações*. Braga [s. n.], 2000. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho. Vol.1, pp. 514-520.

4 Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (A.M.A.P.),"*Contrato entre o juiz e mais oficiaes da Irmandade do Cordão de Sam Francisco com Francisco João mestre de pedraria*", nota do tabelião Nicolau de Abreu, N-439 (nova cota), fls. 104-105v.

Fig. 2 – Igreja de S. Dâmaso: capela-mor e torre sineira – Década 50 do séc. XX (foto DREMN)

O processo de transladação e reconstrução da Igreja de São Dâmaso remonta, pelo menos ao ano de 1954. Num ofício expedido a 20 de fevereiro de 1954, em cumprimento de uma ordem telefónica, da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), a delegação Regional do Porto, refere que a Igreja de São Dâmaso no "*seu conjunto não reúne as condições necessárias que mereçam qualquer classificação especial*"[5]. Sobre a sua demolição ou reconstrução é dito, neste ofício expedido pelo arquiteto Chefe da Seção: "*afigura-se não existir inconvenientes em encarar-se a sua demolição. Porêm tratando-se um templo dedicado ao Patrono de Guimarãis e tendo em atenção os elementos principais referidos*[6]*, talvez seja de admitir a sua reconstrução em qualquer outro local apropriado*"[7]. A 3 de março de 1954, em resposta ao ofício anterior, a DGEMN expede uma ordem de serviço solicitando ao arquiteto Chefe da 2ª seção do Porto, que remetesse documentação fotográfica probatória de que a Igreja de São Dâmaso não possuía valor que justificasse a sua classificação como Imóvel de Interesse Publico[8].

5 ADREMN (Arquivo da Direção Regional dos Edifícios e Monumentos do Norte - Porto), ofício de 20 de fevereiro de 1954, expedido do Porto. Com a extinção da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e sua substituição pelo atual Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, todo o Arquivo da DREMN localizado na rua de Santa Catarina é transferido para o Forte de Sacavém. Toda a pasta correspondente à Igreja de São Dâmaso consultámo-la no ano de 1999.

6 Estes elementos principais são enunciados mais acima neste ofício, vejamos: "*O seu interesse principal fixa-se na talha dos seus altares e no retábulo principal com escultura policromada de certo merecimento, o que não acontece com os paineis de azulejos da capela-mór que representando a vida de S. Dámaso tem interesse mais reduzido*".

7 ADREMN, ofício de 20 de fevereiro de 1954, expedido do Porto.

8 DREMN, ofício nº 1070, de 3 de março de 1954, expedido de Lisboa, pela Repartição Técnica de Serviços dos Monumentos Nacionais.

Nesta ordem de serviço assinada pelo Chefe da Repartição Técnica da Direção de Serviços dos Monumentos Nacionais é aventada a proposta de que os altares e retábulo-mor e os painéis de azulejos representado a vida de São Dâmaso fossem recolados noutra igreja já construída ou a construir. Simultaneamente é dito que "*seria interessante que fosse apresentada por essa Direcção de Serviços, uma sugestão sobre a colocação dos referidos elementos noutra Igreja de Guimarães, se tal for possivel*"[9].

Dois dias depois, a Direção Regional do Porto, enviava para Lisboa, conforme solicitado, um processo com a documentação fotográfica do templo[10]. Nesse ofício é reiterado que a igreja não reunia as condições indispensáveis para se promover, na altura, a sua classificação[11]. Desmerecendo as qualidades arquitetónicas deste templo e dos seus painéis de azulejos do século XVIII, contrariamente à sua obra de talha, a DREMN, propunha que a talha fosse aplicada noutro templo da cidade de Guimarães já existente ou a construir[12]. Contrariamente aos restantes elementos azulejares e arquitetónicos que não "*impossibilita tomar qualquer decisão acerca da realização de qualquer plano que brigue com a existência da Igreja*". Em suma, a igreja poderia ser demolida, desde que se salvaguardasse a sua decoração interior em talha.

9 Vide nota anterior.

10 ADREMN, ofício nº 197, de 5 de março de 1954, expedido do Porto.

11 É mesmo referido o seguinte: "*Pela observação dos aspectos fotográficos, verifica-se o reduzido interesse da parte arquitectónica desta Igreja que é produto de épocas diferentes, desde a sua capela-mór com sabor renascentista, até à fachada principal de modesto aspecto clássico, pelo que se conclue que o seu conjunto não reúne as condições indispensáveis para se promover a sua classificação como Imóvel de Interesse Público. O principal interesse desta Igreja, que consagrada ao patrono de Guimarãis, fixa-se no seu retábulo com escultura policromada e nos quatro altares laterais. Outratanto* não sucede com os *paineis de azulejos que representam a vida de S. Dámaso, revestem as paredes da capela-mór, os quais são de feição e valor inferiores*" *(vide nota anterior)*.

12 É proposto que a entidade eclesiástica poderia estudar o problema segundo as necessidades das igrejas da cidade (veja-se nota anterior).

Fig. 3 – Igreja de S. Dâmaso – Década 40 do séc. XX (coleção Muralha-Associação de Guimarães para a Defesa do Património)

A 30 de julho de 1958, o Dr. José Maria Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, solicitou à DGEMN de que esta incumbisse um arquiteto do "*(...) arranjo das fachadas da Igreja de S. Dâmazo, sua valorização e integração na Alameda e da transferência para outro local duma casa medieval*[13] *que existe a nascente da Igreja referida (...)*"[14]. Como podemos constatar, nesta altura a autarquia ainda ponderava a manutenção da igreja no seu primitivo local. Em 1960, o arquiteto Alberto da Silva Bessa, da DREMN, ultimava estudos relativos à possibilidade de ser mantida no local original a Igreja de São Dâmaso[15]. Simultaneamente, era admitida como hipótese mais provável a necessidade da mesma ser transferida para outro local. Para o efeito, a edilidade

13 Num ofício de 29 janeiro de 1959, o arquiteto Chefe da DREMN dava parecer positivo ao projeto de reconstrução deste prédio na Praça de Santiago, "*pois permite um perfeito enquadramento no ambiente arquitectónico local, servindo ainda para rematar a actual empena do prédio existente naquele local*". (ADREMN, ofício de 29 de janeiro de 1959, expedido do Porto, para a Repartição Técnica de Serviços dos Monumentos Nacionais).

14 ADREMN, cópia do ofício de 30 de julho de 1958, da Câmara Municipal de Guimarães. Este ofício deu entrada na DGEMN a 2 de agosto de 1958.

15 ADREMN, ofício de 18 de janeiro de 1960, expedido do Porto, para o Engenheiro Diretor Geral da DGEMN.

propunha como nova implantação nos limites do largo Conde D. Henrique[16]. A DREMN concordava com a sua localização nesse largo, no entanto apresentava uma solução denominada de B, na qual o templo ficaria implantado no topo do largo Conde D. Henrique[17]. Para apreciação superior, a DREMN enviava para Lisboa uma planta topográfica com a solução B, com indicação das implantações referidas, com o intuito de ser estudado o projeto de mudança daquela igreja[18]. Um mês após a solução B apresentada pela DREMN, o ministro das Obras Públicas Engenheiro Arantes e Oliveira exarou um despacho no qual aceitava a solução proposta[19]. Entretanto, a autarquia apresentava um novo local: junto ao Liceu Nacional[20]. Em suma, nessa altura, já parecia irreversível a deslocalização da Igreja. Debatia-se apenas o seu novo local[21].

O despacho do Ministro das Obras Públicas de 6 de junho de 1960, encerrava definitivamente o processo da manutenção ou transferência do templo. Neste despacho enviado para a DGEMN é decidido que a CMG deveria "*estudar e propôr a nova localização e elaborar o respetivo estudo e estimativa de adaptação do imóvel*" seguindo-se a "*demolição e reconstrução da Igreja actual, obra a custear pela C. M.al*".

16 Eram apresentados os seguintes argumentos a favor desta localização: "*onde parece possível um enquadramento dentro de um ambiente antigo e em local bastante povoado com a proximidade de um bairro, sem outra Igreja para a prática do culto, o que obriga a deslocação distante para o efeito*". Esta solução denominada de A, tinha como contrariedade a existência de construções o que obrigaria a expropriações "*independentemente da fachada principal ficar voltada para um arruamento da circulação*" (ADREMN, ofício de 13 de janeiro de 1960, expedido do Porto, para o Arquiteto Chefe da Repartição Técnica de Serviços dos Monumentos Nacionais).

17 "*(...) onde facilmente se conseguia integrar a igreja no ambiente envolvente, a qual como elemento de remate do amplo terreiro, permitiria ainda a realização de missas campais tendo como fundo o castelo*". No entanto, esta solução para a DREMN, afigurava-se a mais aconselhável. Mas para a realizar era necessário alterar a zona vedada à construção do Paço dos Duques (ADREMN, ofício de 13 de janeiro de 1960, expedido do Porto, para o Arquiteto Chefe da Repartição Técnica de Serviços dos Monumentos Nacionais).

18 ADREMN, ofício de 13 de janeiro de 1960, expedido do Porto, para o Arquiteto Chefe da Repartição Técnica de Serviços dos Monumentos Nacionais.

19 Vejamos o teor do despacho:" *Não me custa aceitar a solução proposta. Admito porém que haja localização mais vantajosa quer no ponto de vista do culto quer no que se refere ao aspecto urbanístico. Convinha, pois reconsiderar este assunto com a C.M. antes de se assentar, definitivamente na solução a adoptar. Imprima-se urgência.- 10-2-60 (a) E. Arantes e Oliveira*" (ADREMN, ofício nº 1167, de 18 de fevereiro de 1960, expedido de Lisboa, para o Arquiteto Chefe da DREMN).

20 Num ofício enviado pela DREMN para a DGEMN, era dito que o arquiteto Alberto da Silva Bessa já tinha observado esta nova implantação indicada pela CMG, que parecia reunir as condições necessárias sem colidir com o conjunto monumental do Castelo e do Paço (ADREMN, ofício de 9 de junho de 1960, expedido do Porto, para o Arquiteto Chefe da Repartição Técnica de Serviços dos Monumentos Nacionais).

21 A 1 de junho de 1960, o presidente da CMG, enviava para o Ministro das Obras Publicas um ofício acompanhado com o estudo da integração da igreja na nova avenida de acesso à então praça 28 de maio. No entanto, no mesmo ofício é referido que embora a transferência da igreja estivesse "*perfeitamente estabelecida e reconhecida por todos, a inviabilidade da sua manutenção no local onde hoje se encontra (...)" se enviava o respetivo estudo* (ADREMN, cópia do ofício nº356/E da Camara Municipal de Guimarães, de 1 de junho de 1960).

Fig. 4 – Igreja de S. Dâmaso: desmontagem – Década 60 do séc. XX (foto DREMN)

A 27 de outubro de 1960, o gabinete do Ministro Arantes e Oliveira enviava à DGEMN para apreciação, duas plantas das soluções, que se ofereciam como mais favoráveis[22] para a nova localização da Igreja em causa. Neste documento é referido que a localização na nova zona de expansão (junto ao Liceu) possuía "*contra si diversos factores- e entre eles a opinião da Diocese, segundo parece*[23]". Ao invés, ficava como mais cotada a solução do largo de S. Mamede. No mês de dezembro do mesmo ano, a DREMN em cumprimento ao despacho do gabinete ministerial informava a DGEMN de que se afigurava como local mais apropriado para a igreja, o Campo de São Mamede, realçando que era necessário alterar a zona de construção fixada pelo conjunto monumental formado pelo Paço dos Duques de Bragança, Igreja de São Miguel e Castelo de forma a libertar a zona necessária para a implantação do referido templo.

Em 1961, ainda se realizavam estudos para a implantação do templo no Campo de São Mamede, incumbindo-se a autarquia a prestar toda a assistência técnica necessária[24]. A 4 de maio de 1962, o Presidente da CMG com o intuito de se pôr a concurso a obra de demolição e reconstrução da igreja, solicitava à DREMN, que indicasse

22 No ofício é dito "Entre *outras soluções que têm sido admitidas para a nova localização da Igreja de S. Dâmaso (…)*" (ADREMN, cópia do ofício enviado pelo Gabinete do Ministro à DGEMN).

23 A 28 de novembro de 1960, o arcebispo de Braga informava, após solicitação do ministro das Obras Publicas, que a igreja "*poderia ser com muito proveito, ser transferida para o campo de São Mamede (…)*" (ADREMN, cópia do ofício remetido pelo Arcebispo de Braga para o Gabinete do Ministro).

24 ADREMN, ofício nº 2332, de 5 de abril de 1961, expedido de Lisboa, para a DREMN.

os nomes e residências de pelo menos três construtores civis que julgassem idóneos para o efeito[25]. Em 1966, estavam concluídas as obras de reconstrução, já que nessa altura se efetuavam as obras de arranjo envolvente do templo[26]. A 20 de maio de 1967, o arcebispo de Braga D. Francisco Maria da Silva cria a paróquia de São Dâmaso, que não corresponde administrativamente com nenhuma freguesia de Guimarães[27]. Esta nova paróquia com a denominação do Patrono deste templo distribui-se pelas freguesias de Azurém, Costa, Mesão Frio e Oliveira do Castelo[28]. A 21 de maio de 1967, a igreja é reaberta e inaugurada a nova paróquia[29]. Inicialmente, esta solene cerimónia estava prevista para o dia 14 de maio, no entanto, em virtude das cerimónias de Fátima, a que o Papa Paulo VI vinha assistir obrigaram ao seu adiamento por uma semana[30]. Nesse mesmo ano, tomaria posse como pároco desta nova paróquia, o Reverendo Padre José Maria Lima de Carvalho, natural da freguesia de Joane, concelho de Famalicão[31]. A Comissão Fabriqueira seria constituída deste modo: Presidente, o pároco da freguesia; secretário, Eng. José Maria Gomes Alves; e tesoureiro, Domingos Torcato Ribeiro de Almeida[32].

Fig. 5 – Igreja de São Dâmaso (fot. do autor)

25 ADREMN, ofício nº295/E, processo nº3/U/61, de 4 de maio de 1962, remetido pelo Presidente da CMG para o Arquiteto Chefe da Seção do Norte dos Monumentos Nacionais.

26 ADREMN, ofício de 12 de julho de 1966, expedido do Porto, para a DGEMN. O estudo do arranjo envolvente da igreja de São Dâmaso foi elaborado após a visita do Ministro das Obras Públicas ao local e de parecer favorável da Junta Nacional de Educação (ADREMN, ofício de 13 de junho de 1966, expedido do Porto, para o Arquiteto Diretor dos Serviços dos Monumentos Nacionais).

27 Decreto publicado por RIBEIRO, José Manuel Oliveira – *obra cit.*, p. 94.

28 RIBEIRO, José Manuel Oliveira – *obra cit., p. 94*.

29 "As comemorações do 16º centenário do Papa vimaranense culminaram com a soleníssima inauguração da Igreja de São Dâmaso". *Noticias de Guimarães.* Guimarães. 1849 (28 de maio de1967), p.1 e 3.

30 "Ficou transferida para o dia 21 a inauguração da Igreja de São Dâmaso". *Noticias de Guimarães. Guimarães. 1846 (7 de maio de1967), p.1.*

31 Atualmente o pároco deste templo é o Padre Domingos Ferreira de Oliveira.

32 "As comemorações do 16º centenário do Papa vimaranense culminaram com a soleníssima inauguração da Igreja de São Dâmaso". *Noticias de Guimarães.* Guimarães. 1849 (28 de maio de1967), p. 3.

2. Encomendadas efetuadas pela Irmandade de Cordão e Chagas (1691-1784)

A fundação da Igreja de São Dâmaso remonta a um testamento de 1609. Nesse documento, Lucas Rebelo, abade de Regilde, institui como herdeira dos seus bens a Irmandade das Chagas e Cordão de São Francisco, com a obrigação desta edificar uma capela e um hospital[33]. Esta Irmandade que funcionava na Igreja do Convento de São Francisco, apenas em 1625, adquiriu umas casas e quintal a Diogo de Miranda de Azevedo, por 100$000 réis para cumprir as determinações testamentárias de Lucas Rebelo[34]. Segundo o Padre Caldas, a capela-mor da Igreja de São Dâmaso, apenas estaria concluída em 1641, tendo-se iniciado a sua construção em 1636[35]. Sem indicar a fonte arquivística, que lhe serviu de base, Alfredo Guimarães indica que Domingos de Freitas, mestre pedreiro, celebra a 9 de junho de 1644, um contrato de obra para a construção do corpo e frontaria da igreja[36]. Pedro Dias atribui o risco e a execução da Igreja de São Dâmaso ao mestre pedreiro vimaranense Domingos de Freitas ao ano de 1636[37].

As Irmandades constituíam uma rede de solidariedades entre homens e mulheres. Os seus objetivos são fundamentalmente religiosos e caritativos. A religiosidade inclui o sufrágio das almas, mas tem como alvo principal o culto, a devoção e o serviço a um santo. A caridade materializa-se principalmente na assistência material das populações. A vida social destas associações desenrolava-se essencialmente no âmbito de festividades religiosas. Muitas destas instituições tinham uma capela ou altar de uso corporativo e de âmbito privado, servindo muitas vezes de sede às mesmas, realizando-se aí as missas pelos confrades falecidos, as festas e missas em honra do seu padroeiro e reuniões do cabido. Os programas decorativos destas capelas inseridas em igrejas conventuais e paroquiais, eram na maioria das vezes distintos do da capela-mor, do coro-alto e da nave [38]. No entanto, existiam confrarias que eram detentoras de uma igreja na sua totalidade e não de uma capela no seu seio. Citemos para Guimarães: a Irmandade do Cordão e Chagas sita no Convento de São Francisco, que tinha sob sua alçada a igreja de São Dâmaso; a Irmandade de Nossa Senhora da Guia com respetivo templo; e a

33 CALDAS, Padre António José Ferreira – *Guimarães: apontamentos para a sua História*. Porto: Tipografia de A.J. da Silva Teixeira, 1882, vol.2, p.126; CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias ressuscitadas da província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, Lda, vol. 1, 1992, p.178.

34 *Idem*, *ibidem*, vol.2, p.126. Estas casas e quintal localizavam-se no local onde seria edificada a igreja de São Dâmaso. A urna contendo os ossos do instituidor ainda hoje subsiste no interior da igreja de São Dâmaso.

35 Esta é a datação em numeração romana que está inscrita no primeiro degrau do altar-mor. Esta é a data igualmente apresentada por Albano Bellino (BELLINO, Albano – *Archeologia Christã*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1900, p. 184). Erradamente, Alfredo Guimarães, em 1930, datava a capela-mor do século XVI (GUIMARÃES, Alfredo – *A arte em Portugal*. *Guimarães monumental*. Porto: Marques Abreu, 1930, p. 12). Pedro Dias (DIAS, Pedro – Alguns aspectos da arte do arquitecto vimaranense Domingos de Freitas. *In Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Atas, vol. 4, Guimarães, 1981, p. 493) e José Manuel Oliveira Ribeiro já chamavam a atenção para esta errónea datação avançada por Alfredo Guimarães (RIBEIRO, José Manuel Oliveira – *obra cit.*, p. 65).

36 GUIMARÃES, Alfredo – *Guimarães, Guia de Turismo.* Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2ª ed., 1953, p.159.

37 DIAS, Pedro – *obra cit.*, pp. 491-497. Este artigo de Pedro Dias será republicado pelo autor, mas com a inserção de fotografias (DIAS, Pedro – O construtor Seiscentista Domingos de Freitas. Mundo da Arte- *Revista Mensal de Arte, Arqueologia e Etnografia*. Coimbra: EPARTUR. 3 (1982), pp.17-23. Sobre a atividade artística deste mestre seiscentista vimaranense, veja-se igualmente: VENTURA, Leontina – Contributos documentais para a biografia do mestre de obras seiscentista Domingos de Freitas de Guimarães. *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. 24 (1979), pp. 211-250.

38 CARDONA, Paula Cristina Machado – A Capela da Confraria do Santíssimo Sacramento da Matriz de Viana do Castelo. Os artistas e o programa decorativo. *In VII Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte: artistas e artífices e a sua mobilidade no Mundo de Expressão Portuguesa*, Atas, Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p.450.

Confraria de Nossa Senhora da Consolação, sita na Capela de Nossa Senhora da Consolação, do Campo da Feira [39].

A Irmandade do Cordão e Chagas está ligada à construção da Igreja de São Dâmaso e à decoração retabular dos seus altares. Neste contexto de atividade construtiva, apresentamos um quadro com as obras encomendadas pela Irmandade das Chagas e Cordão, que nos fornece a evolução artística do templo.

Quadro I – Encomendadas efetuadas pela Irmandade das Chagas e Cordão (1691-1784)

Data	Obra	Quantia	Artista arrematante	Profissão	Residência
1691 nov. 28	Reedificação e solidificação da capela-mor da Igreja de São Dâmaso, com o intuito *"esta pera não se aroinar e cahir no chão"*	334$500 réis	Francisco Luís	Mestre de pedraria	Freguesia de Santiago de Candoso
1693 mai. 7	Retábulo-mor da igreja de São Dâmaso	185$000 réis	Pedro Coelho	Escultor	Olival, da freguesia de São João de Gondar
1693 jun. 25	Lajeamento do corpo da Igreja de São Dâmaso	79$000 réis	João Peixoto	Pedreiro	*"morador na sua devesa"*, da freguesia de São Lourenço de Golães
1698 mai. 31	Douramento da obra da capela-mor da Igreja de São Dâmaso	380$000 réis	Manuel de Freitas Padrão	Pintor	Guimarães
1702 set. 20	Feitura dos quatro altares laterais da Igreja de São Dâmaso	120$000 réis	Pedro Coelho	Escultor	Olival, freguesia de São João de Gondar
1705 jun. 23	Douramento dos quatro altares laterais da Igreja de São Dâmaso	135$000 réis	Francisco da Silva	Pintor	Rua de Santa Maria (Guimarães)
1784 abr. 15	Feitura da torre sineira da Igreja de São Dâmaso	680$000 réis	Vicente José de Carvalho e seu filho João Manuel de Carvalho e Francisco Portela	Mestres canteiros	Freguesia de Santa Eulália de Fermentões

39 Sobre a atividade artística das Confrarias, veja-se: CARDONA, Paula Cristina Machado – *A actividade mecenática das Confrarias nas matrizes de Vale do Lima nos séculos XVII a XIX*. [s. n.], 2004. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 vols.; CARDONA, Paula Cristina Machado – A Capela da Confraria do Santíssimo Sacramento da Matriz de Viana do Castelo. Os artistas e o programa decorativo..., pp.449-458; ALVES, Natália Marinho Ferreira – *A Arte da talha no Porto na época barroca: Artistas e clientela. Materiais e técnica. Porto: Arquivo Histórico / Câmara Municipal do Porto vol.1, 1989, pp.162-166*; OLIVEIRA, António José de – *Clientelas e artistas em Guimarães nos séculos XVII e XVIII*. Porto: [s. n.], 2011. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 3 vols.

2.1. Obra de Pedraria (1691-1784)

No que diz respeito à produção artistica da Igreja de São Dâmaso, os dados documentais mais antigos que possuímos remontam ao ano de 1691.

2.1.1. Francisco Luís, mestre de pedraria (1691)

Neste contrato de obra estabelecido a 28 de novembro de 1691[40], entre Gonçalo Lopes de Carvalho Fonseca e Camões, fidalgo de Sua Majestade e Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, como juiz da Irmandade do Cordão e Chagas situada no Convento de São Francisco, e os mais oficiais da Irmandade com Francisco Luís, mestre de pedraria, morador na freguesia de Santiago de Candoso (concelho de Guimarães) é acordado a feitura da abóbada da capela-mor e arco-cruzeiro "*pera não se aroinar e cahir no chão* "[41]. O preço desta empreitada foi ajustado pelo menor lanço de 334$500 réis. Para maior segurança do encomendador o mestre de pedraria apresentava como seu fiador o seu filho Francisco João morador na freguesia de Santiago de Candoso. Esta empreitada deveria estar terminada até ao princípio do mês de janeiro do ano seguinte. Este contrato notarial é firmado "*nesta villa de Guimarães (...) cazas e pousadas de Gonçalo Lopes de Carvalho Fonseca e Camões*"[42]. A testemunhar este ato notarial encontram-se António de Carvalho, da vila de Guimarães e Manuel Soares, criado de Gonçalo Lopes de Carvalho Fonseca e Camões.

40 AMAP (= Arquivo Municipal Alfredo Pimenta), "*Contrato entre o juiz e mais oficiaes da Irmandade do Cordão de Sam Francisco com Francisco Luís mestre de pedraria*", nota do tabelião Nicolau de Abreu, N-439 (nova cota: 9-1-12-3-5), fls. 104-105v. Documento parcialmente transcrito por OLIVEIRA, António José de – *obra cit.*, vol.2, 2011, pp. 241-242.

41 Sobre esta intervenção, vejamos o relato do Padre António José Ferreira Caldas: "*Em 1691, achando-se a capella-mór quasi emestado de ruina, foi necessário apear-lhe a parede do nascente até os alicerces, e desmontar a abobada e o arco crazeiro até os capiteis das columnas, que o sustentavam:-obra que n'aquelles tempos custara 334$500 reis*" (CALDAS, Padre António José Ferreira – *obra cit.*, p. 127). O Padre Caldas continua afirmando: "*E em 1694, ameaçando por sua vez ruina o corpo da igreja, tornou-se urgente reformal-o quasi desde os alicerces. Assim correram desastradamente as obras até ao seu termo*" (CALDAS, Padre António José Ferreira – *obra cit.*, p. 127). Sobre esta última intervenção não encontrámos qualquer contrato de obra, até ao momento.

42 Trata-se da atual Casa dos Carvalho, situada no largo da Misericórdia. Esta casa brasonada possui na fachada principal o brasão da família dos Carvalho. Na primeira metade do seculo XVIII, foi a residência de Tadeu Camões, Senhor dos Coutos de Abadim e Negrelos, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício e Académico da Real Academia de História. O arcebispo D. José de Bragança hospedou-se nesta casa durante a sua estada em Guimarães entre 1746 e 1748, anteriormente à compra da Casa dos Coutos. Nesta casa pertença de Tadeu Camões, este prelado bracarense concedeu variadas audiências. Sobre este imóvel, veja-se PONTES, Célia Maria Vilela – *Casas Brasonadas de Guimarães: um itinerário turístico-cultural*. Braga: [s. n.], 2013. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho. 2 vols. Esta Casa Brasonada está atualmente inserida no itinerário turístico-cultural temático designado de "Uma Casa, Um Arcebispo", que integra a Rota das Casas Brasonadas de Guimarães, proposta e posta em prática por Célia Pontes (PONTES, Célia Maria Vilela – *obra cit.)*.

Fig. 6 – Igreja de S. Dâmaso – Década 50 do séc. XX (foto DREMN)

Fig. 7 – Igreja de S. Dâmaso – Década 40 do séc. XX (coleção Muralha-Associação de Guimarães para a Defesa do Património)

Fig.8 – Assinaturas dos outorgantes do documento de 28 de novembro de 1691 (A.M.A.P.)

2.1.2. João Peixoto, pedreiro (1693)

A 25 de junho de 1693, na Igreja de São Dâmaso, arrabalde da vila de Guimarães, João Peixoto, pedreiro, morador na sua devesa, da freguesia de São Lourenço de Golães (atual concelho de Fafe)[43], arremata o lajeamento do corpo da Igreja de São Dâmaso, pela quantia de 79$000 réis[44]. Por parte do encomendador estavam presentes, a saber: juiz o Doutor Francisco Pinto da Cunha, juiz da Irmandade; Francisco Antunes Gomes, escrivão da irmandade; Francisco Luís Portela, tesoureiro da mesma; e os mais oficiais que serviam a Irmandade[45].

Vejamos alguns dos pormenores dos apontamentos da obra:

"de lhe aver de lagiar o corpo da Igreja de Sam Damaso que esta por lagiar que bem a ser das portas travesas pera baixo na forma de hum aranzel(...) sera lagiado feito em sepulturas na forma e estillo que esta a de Santo Antonio do Convento dos Padres Capuchos desta villa. Item que serão as sepulturas todas encaixilhadas em seus caixilhos como tambem ao redor da parede levara tambem o mesmo caixilho (sic) digo huma fiada central e então comesara a correr o caixilho que o dito caixilho sera de fase pella vanda de sima hum palmo de largo e por vaixo lhe fara o desconto nesessario que segure as sepulturas. Item as sepulturas serão de tres ou quatro pesas bem desempenadas e desgonçadas pera asentarem nos caixilhos em grosura de qoatro dedos e pellas mais partes do meio mais grosas (...)". O contrato prossegue: *"levara aos pes e cabeceiras das sepulturas huns veios com o mesmo palmo de largo que fasão conrespondencia com os caixilhos com hum palmo e meio de groso".*

Sobre as lajes das sepulturas, é recomendado ao artista, que estas não fossem muito ajustadas nos caixilhos, para que quando se levantassem não quebrassem todas as restantes lajes.

O dado de maior relevo artístico a registar, uma vez que são omissos, a autoria do risco e dos apontamentos, é o esclarecimento de que alguns elementos decorativos do lajeado das sepulturas da Igreja de São Dâmaso teriam como modelo e estilo a Igreja do Convento de Santo António dos Capuchos, de Guimarães, revelador, portanto, de uma influência formal, entre aquele edifício monástico masculino, e este novo templo.

O pedreiro obrigava-se a dar a obra bem feita e não a dando na forma declarada no contrato, ou tendo alguma imperfeição, os oficias da mesa da Irmandade, mandariam refazer a obra por conta do artista, descontado no preço contratado.

43 Na época esta freguesia pertencia ao termo de Guimarães.

44 AMAP, "*Contrato que fes João Peixoto pedreiro morador em sua deveza da freguezia de Sam Lourenço de Gulais com a Irmandade do Cordão de como se avia de lagear a capella de Sam Damaso desta villa*", nota do tabelião Manuel de Freitas, N-529 (nova cota: 9-1-14-4-4), fls.29-30. Documento parcialmente transcrito por OLIVEIRA, António José de – *obra cit.*, vol.2, pp. 243-244.

45 Como testemunhas estiveram presentes: António de Freitas de Carvalho e João Francisco de Carvalho, filhos do tabelião.

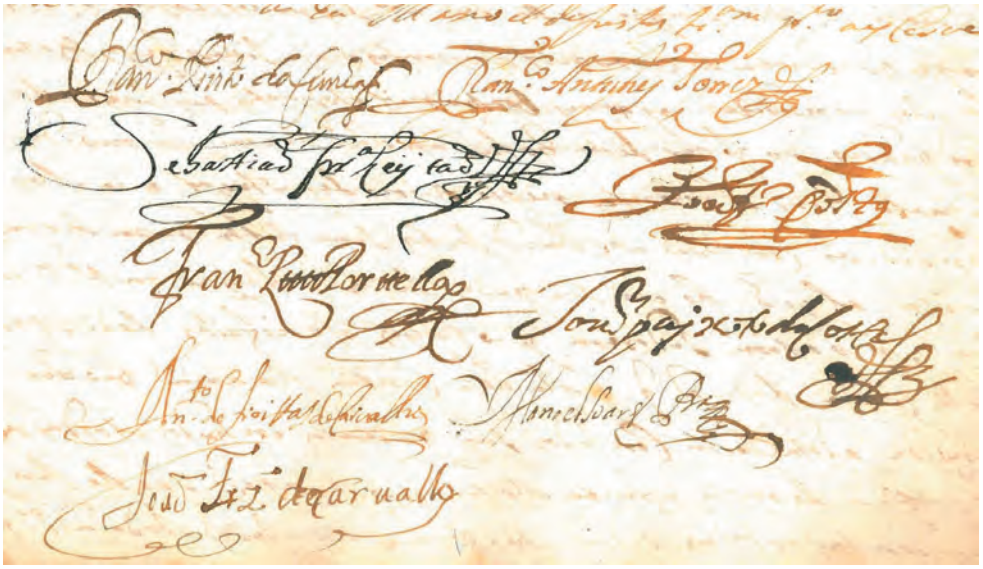


Fig. 9 – Assinaturas dos outorgantes do documento de 25 de junho de 1693 (A.M.A.P.)

2.1.3. Vicente José de Carvalho e João Manuel de Carvalho, mestres canteiros (1784)

A encomenda da torre sineira quadrangular de três registos, a flaquear a fachada principal, decorreu em 1784[46]. A 15 de abril desse ano, é assinada a escritura de contrato e obrigação com Vicente José de Carvalho[47] e seu filho João Manuel de Carvalho, mestres canteiros, da freguesia de Santa Eulália de Fermentões (concelho de Guimarães), pela quantia de 680$000 réis[48]. A Irmandade de Cordão e Chagas comprometia-se a pagar a obra em quatro prestações, a saber:

- 1ºpagamento: concluídos os alicerces;

-2º pagamento: estando feita até ao nível da cornija da Igreja;

-3º pagamento: "*na última cornige por sima das sineiras*";

-4º pagamento: acabada a torre na forma do risco.

46 Através de fotografias da década de 40 do século XX, podemos observar que uma das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo estava colocada em frente à torre sineira deste templo (vd. fig. nº2). Com a demolição da Igreja de São Sebastião ocorrida em 1892, o Passo existente junto a esse templo é trasladado no mês de outubro desse ano, para a Igreja de São Dâmaso (MEIRELES, Maria José Marinho de Queirós – *obra cit.*, vol.1, pp. 212 e 218).

47 Trata-se de um conceituado mestre pedreiro natural da Galiza.

48 AMAP, "*Obrigação de Vicente Joze de Carvalho e seu filho a Irmandade do Cordam e Chagas*", N-1256 (nova cota: 9-2-12-9-4), fls.69v-72, nota do tabelião José António da Rocha. Contrato parcialmente transcrito por OLIVEIRA, António José de – *obra cit.*, vol.2, p.245.

Fig. 10 – Fachada Igreja São Dâmaso (fot.do autor)

Assina por parte do encomendador: Francisco Ribeiro, ourives, desta vila, procurador da Irmandade do Cordão e Chagas[49]. Este documento contém importantes descrições dos apontamentos a seguir pelos mestres. Os dois mestres canteiros obrigavam-se a executar a empreitada num prazo de 18 meses. O contrato de obra especifica que "*a torre seia edificada para a parte do nascente encostada à dita igreja*". No que concerne às dimensões da torre sineira é dito: "*a largura seria da forma que era determinada pela planta*". Infelizmente, até ao momento desconhecemos o autor da planta ou risco. O contrato notarial é omisso quanto a este importante dado.

O encomendador nos apontamentos da empreitada especifica que a torre "*sera feita em tal equilíbrio que não posa prejudicar ou arruinar a parede da Igreja que antes esta lhe sirva de reforço e mais segurança da dita Igreja*". Relativamente a toda a cantaria desta obra, é-nos dito que seria feita de pedra fina dos montes de Gonça.

Os dois arrematantes apresentavam como seus fiadores, a saber: Domingos Machado, da freguesia de São João de Penselo e Francisco Portela de Carvalho[50], mestre canteiro, da freguesia de Santa Eulália de Fermentões. No final da empreitada, esta seria revista e vistoriada à custa dos mestres e da Irmandade, que chamariam três

49 Neste documento é dito que a Irmandade localizava-se no interior da capela de São Dâmaso.

50 Francisco Portela Carvalho era tio de João Manuel de Carvalho. Francisco Portela casou com a irmã da mulher de Vicente de Carvalho. O casamento foi celebrado na Igreja de Fermentões a 23 de abril de 1769. Pelo assento de casamento sabemos de que Francisco Portela era filho legítimo de Tomás Portela e de Benta do Outeiro, da freguesia de São Miguel de Marcão, do arcebispado de Santiago de Compostela, do reino da Galiza. Casou com Maria Teresa de Almeida, filha legítima de Carlos Fernandes e de Rosa de Almeida do lugar da Calçada. Testemunharam este matrimónio, o Padre Vicente Monteiro, e o Padre Francisco Rodrigues de Freitas, sacerdote desta freguesia e "*muitas mais pessoas que se acharão prezentes*" (A.M.A.P., Livro casamentos da freguesia de Santa Eulalia de Fermentões, P. 295, fl.4v). Sobre este mestre pedreiro, veja-se OLIVEIRA, António José de – *obra cit.*, vols.1 e 2.

mestres de "*são consciência e peritos em obra de pedraria*". O contrato é celebrado no escritório do tabelião sito em Guimarães. A Irmandade do Cordão e Chagas obrigava-se a fornecer aos mestres canteiros, a cal e o saibro, bem como uma loja do hospital para eles e os seus oficiais se recolherem com as suas ferramentas no tempo que durasse toda a dita obra. O contrato é celebrado no escritório do tabelião sito em Guimarães. Foram testemunhas presentes: João Batista Teixeira, contratador e Miguel Cosme de Carvalho, ambos da vila de Guimarães.
Os dois executantes desta torre sineira são artistas com atividade conhecida, pelo que as suas obras não têm passado despercebidas aos investigadores, pelo que podemos esboçar os seus percursos profissionais e pessoais[51]. A 31 de agosto de 1799, Vicente José de Carvalho falecia, sendo sepultado no dia seguinte na igreja paroquial de Santa Eulália de Fermentões[52]. Vicente José de Carvalho permanece ativo entre 1754-1797. A sua oficina localizada em Santa Eulália de Fermentões era uma das mais importantes da região do Vale do Ave, onde o seu filho João Manuel terá feito a sua aprendizagem. Vicente Carvalho é um mestre com atividade conhecida em Guimarães (Casas dos Lobos Machado, Convento do Carmo, Convento Santo António dos Capuchos, Convento de São Domingos, Igreja Santos Passos, Igreja de São Paio, Igreja de São João de Brito, Igreja São Salvador de Briteiros, Casa do Cabido da Colegiada), e uma levada no termo de Arcos de Valdevez[53]. João Manuel de Carvalho Almeida nasceu a 12 de fevereiro de 1760, tendo falecido a 19 de novembro de 1810[54].

Da sua atividade destacamos, em 1787, a feitura da Casa Capitular do Cabido de Guimarães, em parceria com o seu pai e o tio Francisco Portela. Em 1783, contrata a obra das casas da residência da freguesia de Santa Maria da Torre, concelho de Amares, bem como a capela-mor da igreja da mesma freguesia. Na freguesia de São Salvador de Donim, em 1790, arremata a obra de pedraria de uma capela e de um torreão com o seu campanário. No ano seguinte, arremata a construção da capela-mor da Capela de Nossa Senhora da Guia (Guimarães). Em 1797, em parceria com o seu pai executa a obra da torre sineira da Igreja de São Salvador de Briteiros[55].

Fig. 11– Assinaturas dos outorgantes do documento de 15 de abril de 1784 (A.M.A.P.)

51 Sobre a atividade profissional e a biografia destes dois mestres canteiros, veja-se: OLIVEIRA, António José de – A construção da torre sineira da Igreja de São Salvador de Briteiros (1797). *Boletim de Trabalhos Históricos.* Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. 7 (2018), Série III, pp. 137-160.

52 *Idem*, *ibidem*.

53 *Idem*, *ibidem*.

54 *Idem*, *ibidem*.

55 *Idem*, *ibidem*.

2.2. Obra de talha (1693-1705)

Toda a obra de talha, que ainda hoje podemos observar na igreja de São Dâmaso, insere-se numa profunda transformação decorativa do interior deste templo, levada a cabo entre 1693-1705, como comprovam documentalmente quatro contratos de obra existentes no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Nessa fase de grande surto construtivo de estruturas retabulísticas nesta igreja, interveio na fase do entalhe do retábulo-mor e dos quatro altares laterais, o mestre escultor e entalhador Pedro Coelho morador na freguesia São João de Gondar (concelho de Guimarães). Relativamente à fase do douramento e pintura dessa obra de talha, exercem a sua atividade os mestres pintores vimaranenses Manuel de Freitas Padrão e Francisco da Silva.

Fig. 12– Igreja de São Dâmaso: interior (fot. do autor)

2.2.1. Pedro Coelho, escultor (1693)

A 7 de maio de 1693, por um lanço público que deu por preço de 185$000 réis, Pedro Coelho, escultor, morador no Olival, da freguesia de Gondar, do termo de Guimarães contratou-se com a mesa da Irmandade do Cordão sita na Igreja de São Francisco, como administradora do hospital de S. Dâmaso, de fazer o retábulo da capela-mor de São Dâmaso[56]. O mestre que arrematara a obra e que consequentemente a iria executar, não era o autor da planta, já que nesta escritura é mencionado que Pedro Coelho se obrigava a fazer o retábulo na "*forma de huma*

56 Trata-se de "Um magnífico exemplar, onde se observa um espírito de transição entre concepções estruturais ainda de sabor maneirista e aspectos já intimamente ligados ao nosso barroco inicial (...)" (ALVES, Natália Marinho Ferreira – Pedro Coelho. In PEREIRA; José Fernandes, dir. – *Dicionário de Arte barroca em Portugal*, dir., Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.127). Sobre este retábulo de transição veja-se igualmente gonçalves, Flávio – A talha na arte religiosa de Guimarães. *In Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Atas, vol.4, Guimarães, 1981, p.344; Moura, Carlos – Uma poética da refulgência: a escultura e a talha dourada. In História da Arte em Portugal, Lisboa: Publicações Alfa, vol.8, p.105.

trassa que para isso lhe derão que vaj asinada por eles ditos ofeciais da mesa e juntamente mais huns apontamentos que lhes derão"[57].

Esta obra seria revista por oficiais peritos na arte e encontrando-lhe algum defeito, seria o mestre obrigado à sua custa a dar inteira satisfação. Também ficava imposto no contrato, que se deveriam usar "*boas madeiras*". Toda a ferragem e pregagem seria por conta do mestre. Neste documento, encontramos em pormenor como seria executada a obra, sobressaindo aí os seus elementos decorativos, que iam desde anjos, passando pelas pereiras até aos pássaros, facto já reforçado por Flávio Gonçalves[58]. Nos apontamentos fornecidos pelo encomendador é especificado que *"a talha sera a romana"*[59]. A cena da Estigmatização de São Francisco de Assis, esculpida no ático do retábulo-mor reforça a capacidade escultórica de Pedro Coelho[60].

O contrato é firmado nas proximidades da igreja, mais especificamente na rua de São Dâmaso, nas casas da morada do tabelião. Foram testemunhas presentes Álvaro de Freitas de Carvalho e António Ribeiro, inquiridor da vila de Guimarães.

Pedro Coelho é um mestre com atividade conhecida em Guimarães (Igrejas da Colegiada, de São Sebastião, de São Paio[61] e da Misericórdia[62]), São Martinho do Campo (concelho de Santo Tirso)[63], Murça[64], São João de Covas[65] (concelho de Lousado), e Braga (atual igreja Paroquial de Maximinos[66]) durante os finais do século XVII e o primeiro quartel da centúria seguinte. A sua oficina rural, localizada em São João de Gondar, era uma das mais importantes da região do vale do Ave, onde certamente o seu genro, Miguel Correia, mestre entalhador, fez a sua aprendizagem.

---

57 "*Contrato que fes Pedro Coelho escultor de como se abia de obrar o retabolo da igreja de Sam Damaso sita atras o muro desta villa*". A.M.A.P, Nota do tabelião Manuel de Freitas, N-371 (nova cota: 9-1-10-8-1), fls.148-148v, de 7 de maio de 1693. Os vários autores que se debruçaram sobre este altar (vd. nota anterior), seguindo a informação avançada por A.L. de Carvalho (CARVALHO, A.L. – *Os Mesteres de Guimarães*, 1944, vol.5, p.71). Sobre este documento veja-se Oliveira, António José de; Sousa, Lígia Márcia Cardoso Correia de – Fragmentos da vida e obra de Pedro Coelho, mestre escultor e entalhador de S. João de Gondar (sécs. XVII - XVIII). *Mínia*. Braga: ASPA. 3ª s., 4 (1996), pp.77-108.

58 "A profusa e gorda decoração deste retábulo concede-lhe um carácter particular, sublinhado pela iconografia rara de vários ornatos (as sereias da predela, as esfinges aladas das mísulas, os atlantes das quartelas)" (GONÇALVES, Flávio – *obra cit., P.344)*.

59 Vejamos um extrato destes apontamentos: "*pera a entrada das portas que hao de abrir pera dentro, e se metera huma escada pera servir a tribuna (...) com huma porta de cada parte encaixilhadas e nos quatro cantos dellas terao quatro pillares (...) seus paineis lavrados na milhor forma que possa ser (...) a talha sera a romana (...) com suas pereiras e com seus passaros (...)*. É feita referência à abóbada da tribuna.

60 Alfredo Guimarães (GUIMARÃES, Alfredo – *obra cit.*, p. 159) e Flávio Gonçalves (Gonçalves, Flávio – *obra cit.*, p.344) apresentam a hipótese de que poderá atribuir-se a Pedro Coelho o altar, até hoje indocumentado, dos Santos Mártires de Marrocos existente na ante-sacristia da Igreja do Convento de São Francisco, de Guimarães. Efetivamente, denota-se uma grande semelhança estética entre a parte escultórica do altar dos Santos Mártires de Marrocos com a Estigmatização de São Francisco de Assis, de São Dâmaso.

61 Este artista foi alvo de um trabalho monográfico (OLIVEIRA, António José de; SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *obra cit.)*.

62 OLIVEIRA, António José de – A obra de talha da Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães (1759-1821). *In II Congresso de História da Santa Casa da Misericórdia do Porto.* Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto, 2012, p. 199.

63 OLIVEIRA, António José de; Sousa, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *obra cit.*; OLIVEIRA, António José de; OLIVEIRA, Lígia Márcia Cardoso Correia de Sousa – Nótula sobre a obra de pedraria e talha da igreja de S. martinho do Campo (1705-1716). *Poligrafia*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 7/8 (1998/99), pp. 93-112.

64 OLIVEIRA, António José de; Sousa, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *obra cit.*

65 BRANDÃO, Domingos de Pinho – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade do Porto e na diocese do Porto,* vol.1, 1984, pp.826-830.

66 OLIVEIRA, Eduardo Pires de – A mobilidade dos entalhadores em Braga e no Minho no período Barroco. *In O Barroco em Portugal e no Brasil*, Atas, ISMAI/CEDTUR, 2012, p.133).

Fig. 13 – Igreja de São Dâmaso: capela-mor (fot. do autor)

Fig. 14 – Igreja de São Dâmaso: pormenor do retábulo-mor (fot. do autor)

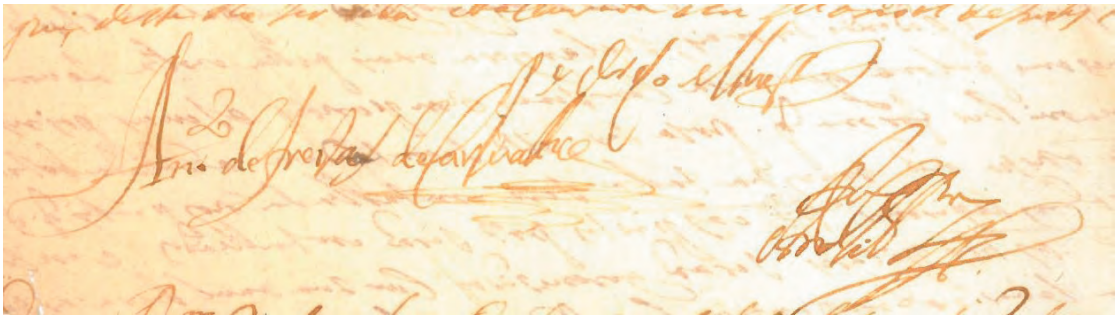


Fig. 15 – Assinaturas dos outorgantes do documento de 7 de maio de 1693 (A.M.A.P.)

2.2.2. Manuel de Freitas Padrão, pintor (1698)

O altar-mor executado em 1693, por Pedro Coelho, apenas seria dourado e pintado em 1698 por Manuel de Freitas Padrão[67], pintor, morador na vila de Guimarães[68]. O contrato é firmado na "*capella de Sam Damaso cita atras do Muro desta villa*" perante o juiz e mais oficiais da Irmandade das Chagas "*cita no convento de Sam Francisco*" e o arrematante da obra.

Manuel de Freitas Padrão tinha tomado e arrematado a obra pela quantia de 380$000 réis, apresentando como seu fiador Domingos de Freitas, escrivão do Judicial. No final, a obra seria vistoriada por dois oficiais.

Os apontamentos da obra eram do seguinte teor:

"Manoel de Freitas pintor e morador nesta villa (...) tinha tomado e rematado o douramento da obra da capella maior da igreja de Sam Damaso (...) a dita obra ouro subido (...) encarnados e as asas dos sarafins e (...) passaros serão estofados de bonnas cores e finas a escultura maior sera estofada com a cores que a arte pedir (...) tambem seram os padrastais em que asenta a dita obra que são de pedra estes terão os filletes dourados (...) tambem entram os degraos que entram pera

67 A 3 de junho de 1681, os mordomos da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, encomendam a Manuel de Freitas Padrão, a feitura de quadros para o corpo da Igreja da Colegiada (SANTOS, Manuela de Alcântara – *Cores da Bíblia ou um núcleo de pinturas Seiscentistas do Museu de Alberto Sampaio.* Guimarães: Instituto Português de Museus/ Museu de Alberto Sampaio, 1999, p. 20; OLIVEIRA, António José de – A obra de Talha da Colegiada de Guimarães (1572-1789): subsídios para o seu estudo. In FERNANDES; Isabel Maria, coord. – *Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira: História e Património. Guimarães:* Fábrica da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, 2011, p. 157). Reencontramos este pintor vimaranense em 1693, quando Pedro Machado Gomes, pintor, morador no Terreiro da Misericórdia, de Guimarães, arremata o douramento do retábulo da Igreja de São Vicente de Sousa, concelho de Felgueiras, comarca de Guimarães, bem como a pintura dos painéis da vida e martírio de São Vicente do teto da capela-mor deste templo. No contrato é dito "(...) e pera pintar os passos de Sam Vicente levara elle Pedro Machado ao pintor Manoel de Freitas desta villa" (OLIVEIRA, António José de Oliveira – *Clientelas e Artistas em Guimarães..., vol.2, pp. 408-409)*. A 17 de fevereiro de 1698, Manuel de Freitas Padrão, pintor, pedia 20$000 réis, à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, à razão de juro de 5%. Apresentava como fiadores: João Ribeiro morador na rua de Santa Maria; e Francisco Vaz Padrão, imaginário, morador na rua do Espírito Santo (Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, "*Contrato de dinheiro dado a rezão de juro que deu a Meza e mais irmãos desta a Manoel de Freitas Padrão e fiadores João Ribeiro e Francisco Vas imaginario*", Livro de Notas (1691-1700), N-41, fls.146-147).
Sobre outras obras deste pintor executadas em Braga e Amarante, veja-se SERRÃO, Vítor – As oficinas de Guimarães nos séculos XVI-XVIII e as colecções de pintura do Museu de Alberto Sampaio. *In Colecção de Pintura do Museu de Alberto Sampaio: séculos XVI-XVIII.* Guimarães: Museu de Alberto Sampaio/ Instituto Português de Museus, 1996, p 104.

68 AMAP, "*Contrato que fazem os irmães da Irmandade do Cordão desta villa com Manoel de Freitas pintor*", *N-556 (nova cota:* 9-1-14-8-3), fls. 47v-48v. Contrato de obra firmado a 31 de maio de 1698. Documento referido por CARVALHO, A.L. de – *obra cit.*, vol.5, p.63. Manuscrito parcialmente transcrito por OLIVEIRA, António José de – obra cit., vol.2, pp. 248-249.

a tribuna e tambem o púlpito da dita igreja será pintado asim as grades como a pedra (…) e mais contratou com a dita meza (…) a pintar e dourar o tumullo em que estão os ossos do instituidor da dita capella Lucas Rabello que este sera todo perfilhado de ouro com suas letras que tambem serão dourados e os campos seram de jaspe como tambem o portal em que esta o dito tumollo que lhe fara hum brutesco muito bem feito de ouro e mais fara hum painel pera a samcrestia da dita igreja de oito palmos de alto e a largura sera a que painel pedir que a dita irmandade mandara fazer a qual tera pintado hum Cristo crusificado com São João e Nossa Senhora e Madalena com seus caixilhos que seram pintados de (…) he ao redor do dito painel fara hum targons (…) e mais pintara os caixons e portas da samcristia com suas almofadas de cores (…)".

Como podemos verificar, além do douramento e pintura do retábulo-mor, o artista obrigava-se a pintar o túmulo do instituidor da Igreja de São Dâmaso, bem como um painel com Cristo Crucificado com São João, Nossa Senhora e Santa Madalena. Esta Inscrição gravada na lápide retangular, colocada sobre a arca tumular em granito, no lado direito da capela-mor, pintada de preto, com os sulcos pintados a dourado, possui a seguinte leitura:

"RE=BELLVS LVCAS ABBAS QVI REXERAT OLIM / REGILDAE TEMPLV, CONDITVS HOCCE JACET. / IPSE SIBI TVMVLV DAMASO QUOQ CONSTRVIT / AEDEM / IACTITE VT NATOS PATRIA TANTA DVOS. / IAM QVOD PASTOR OVE CAELESTI SEDE LOCAVIT, / PASTOREM TEMPLO GRATA REPONIT OVIS"[69].

Fig. 16 – Igreja de São Dâmaso: arca tumular de Lucas Rebelo (fot. do autor)

69 Este túmulo ainda hoje existe no interior deste templo. A inscrição existente na frente desta arca tumular foi já publicada por Albano Bellino (BELLINO, Albano – *obra cit.*, p. 185). Esta inscrição é igualmente reproduzida por DINIS, António – Igreja de São Dâmaso, IPA n.º 00009050. Sacavém: Instituto de Reabilitação Urbana, 2000 [Acedido em junho de 2021]. Disponível na internet http://www.monumentos.pt.

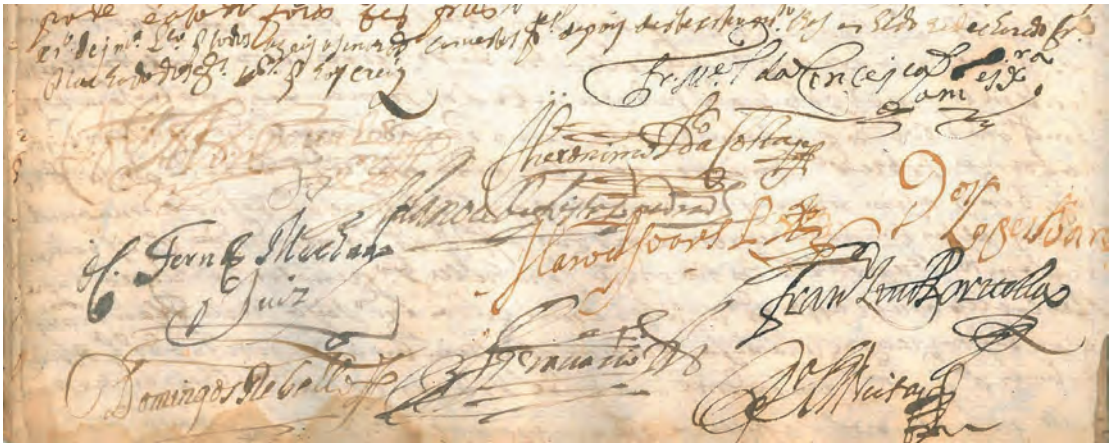


Fig. 17 – Assinaturas dos outorgantes do documento de 31 de maio de 1698 (A.M.A.P.)

2.2.3. Pedro Coelho, escultor (1702)

Nove anos após a celebração do contrato de obra do entalhe do retábulo-mor da Igreja de São Dâmaso, Pedro Coelho regressaria a esta igreja para a feitura dos quatro altares laterais[70]. Neste contrato celebrado a 20 de setembro de 1702, o juiz, os oficiais e o tesoureiro da mesa da Irmandade do Cordão das Chagas de Cristo, contrataram com Pedro Coelho escultor, de este fazer quatro retábulos laterais da igreja de São Dâmaso, de que eram administradores. Observemos a descrição pormenorizada que é feita dos retábulos[71]:

"*(...) cada hum dos ditos retabollos tera coatro collunas com seus pillares e seu banquo e frizo de folha de cardo e as collunas serao sellamoniquas e pora mais em cada retabollo doiz padrastais e duas corsellas a saber da parte de dentro as ditas corsellas e da parte de fora os dois padrastais e ao redor do retabollo levarao hum pilar de meio palmo todo de talha e por sima das collunas levarao seus socos donde no serao dois arcos sallamoniquos vestidos com suas he prezos que dividirao os arcos os coais serao coatro e feitos per modo de meter e os arcos serao por sima vestidos com seus rendados (...)*".

Estes retábulos, se comparados com a anterior obra de Pedro Coelho realizada neste templo, denotam uma certa evolução artística, pois contrariamente ao retábulo-mor, inserem-se totalmente dentro do estilo nacional[72].

---

70 AMAP, "*Obrigação que fes Pedro Coelho escultor da freguesia de Sam Joao de Gondar a Irmandade do Cordao de Sam Francisco desta villa*", Nota do tabelião Manuel Machado Gomes, N- 646 (nova cota: 9-1-17-3-1), fls.75-75v. A.L. de Carvalho, menciona este documento, chegando a transcrever parte dele, embora não refira em que fundo arquivístico o encontrara (Carvalho, A.L. de – *obra cit.*, vol.5, p.71). Sobre este documento veja-se Oliveira, António José de; Sousa, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *obra cit.*

71 Atualmente, os altares laterais do lado do Evangelho são de invocação de Santa Luzia e Sagrada Família, e os do lado oposto, de Santo Elói e Nossa Senhora de Fátima. Infelizente, em relação ao atual altar de Nossa Senhora de Fátima, não sabemos qual a sua invocação original.

72 Vd. GONÇALVES, Flávio – *obra cit.*, p.344; ALVES, Natália Marinho Ferreira – Pedro Coelho...; MOURA, Carlos – *obra cit.*, p.105.

O mestre escultor teria de dar concluída esta obra, até ao final do mês de janeiro de 1703. Por este trabalho, receberia 120$000 réis, pagos em três "*coartos a coarenta reis em cada coarta*"[73].

Para se obter um bom trabalho, era necessário que se fizesse uma boa escolha das madeiras destinadas ao entalhe e que passassem por uma cuidada preparação. Desta forma, a Irmandade do Cordão de Cristo, recomendou que toda a obra fosse feita "*na forma da arte com toda a perfeição da madeira de castanho liza e sem folhas nem podridao algum e ao contento de elle juiz e tizoureiro e oficiais da meza da dita Irmandade*"[74], sob pena de o artista colocar outros retábulos à sua custa.

Testemunharam este ato notarial Domingos Antunes da Silva; e António Machado da Silva, filho de tabelião.

Fig. 18 – Igreja de São Dâmaso: altar do lado do Evangelho - Sagrada Família (fot. do autor)

73 O segundo pagamento seria dado "*ao meio da obra e os últimos coarenta reis depois della estar asentada e feita*".

74 Muitas eram as variedades de madeira ligadas à talha, mas a melhor e a preferida em Portugal, era o castanho, por ser uma espécie mais durável e que proporcionava um trabalho de entalhe mais perfeito (Cf. ALVES, Natália Marinho Ferreira Alves – *A arte da talha*..., vol. 1, pp.178 -179; *idem* – *Talha*. *In* PEREIRA; José Fernandes, dir. – *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença,1989, p.466).

Fig. 19 – Igreja de São Dâmaso: altar de Santo Elói - Década 50 do séc. XX (foto DREMN)

Fig. 20 – Igreja de São Dâmaso: altar do lado Evangelho – Santa Luzia (fot. do autor)

Fig. 21 – Igreja de São Dâmaso: altar do lado da Epistola – Nossa Senhora Fátima (fot. do autor)

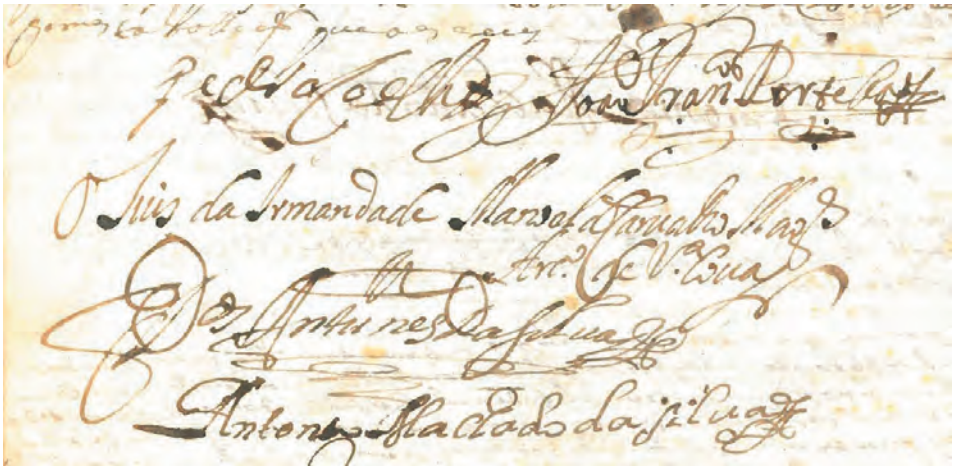


Fig. 22 – Assinaturas dos outorgantes do documento de 20 de setembro de 1702 (A.M.A.P.)

2.2.4. Francisco da Silva, pintor (1705)

Em 1705, é posta a lanços a "*obra de pentura* "da mesma igreja, pelo Reverendo Cónego Miguel de Freitas da Cunha, Juiz da Irmandade do Cordão e pelos seus confrades[75]. A obra foi rematada por Francisco da Silva, pintor, morador na rua de Santa maria (Guimarães), pelo lanço de 135$000 réis. Dessa quantia, Francisco de Araújo, tesoureiro da irmandade, entregou imediatamente 60$000 réis para o pintor dar início ao douramento. Francisco da Silva pagaria as tintas e aparelhos por sua conta. Este pintor vimaranense, daria os retábulos laterais "*dourados de ouro pulido e os dous arcos lavrados de ouro mate sobre branco assim por fora como por dentro ao olio*"[76].

Recomenda-se ao pintor, para que logo que inicie esta obra "*não sahira pera outra ocupaçao sem primeiro a deixar acabada*". Neste contrato, entre o encomendador e o artista, é acordada uma outra cláusula referente à vistoria da obra, que seria revista por "*peçoas que o entendao*".

Este contrato foi firmado no Terreiro de São Paio, nas moradas do tabelião Brás Lopes, sendo testemunhas presentes Dâmaso de Freitas, escrivão dos Reguengos da vila de Guimarães e António Fernandes.

Fig. 23 – Assinaturas dos outorgantes do documento de 23 de junho de 1705 (A.M.A.P.)

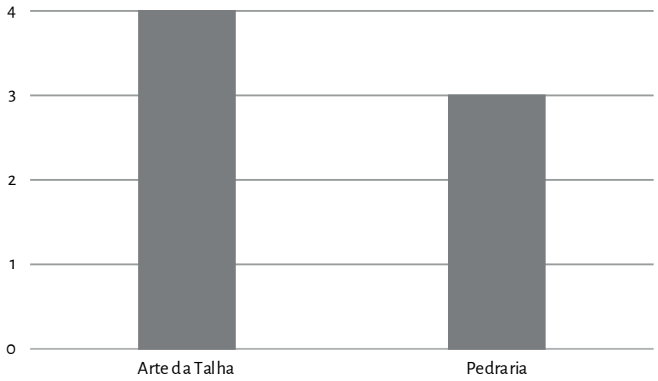
75 *"Contrato que fizeram os confrades da Irmandade do Cordao com Francisco da Silva pintor"*, AMAP, nota do tabelião Brás Lopes, N-563 (nova cota: 9-1-15-1-4), fls.132-133, de 23 de junho de 1705. Maria Adelaide Pereira de Moraes refere-se a este contrato (Vd. MORAES, Maria Adelaide Pereira de – *Estes são os Dias de Meneses, de guimarães. Armas e troféus.* Lisboa: [s. n.]. 5ª s., 3-4 (1984), pp. 982-983). Sobre este documento veja-se OLIVEIRA, António José de; SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *obra cit.* Contrato parcialmente transcrito por OLIVEIRA, António José de – *obra cit.*, vol.2, pp. 252-253.

76 Sobre a técnica do douramento veja-se: Alves, Natália Marinho Ferreira – *A arte da talha no Porto...*, vol.1, pp.197-211; *idem* – A actividade de pintores e douradores em Braga nos séculos XVII e XVIII. *In Congresso Internacional do IX centenário da dedicação da Sé de Braga*, Atas, vol. II/2, Braga: Universidade Católica Portuguesa - Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, pp.313 -371.

4. Conclusão

Os sete contratos de obra referentes a empreitadas que acabamos de analisar subdividem-se nas seguintes tipologias:

Gráfico I – Tipologias de contratos de obra celebrados para a Igreja de São Dâmaso (1691-1784)



Ao analisarmos o gráfico acima, deparamos com um maior número de encomendas (4) relativas à arte da talha. Estas intervenções estão ligadas à encomenda dos programas decorativos do interior da igreja: retábulo-mor e os quatros altares laterais. De seguida, com três referências temos obras de carácter arquitetónico. Estas escrituras notariais referem-se a intervenções a realizar na capela-mor, corpo da igreja e no acrescentamento da torre sineira.

Em sete contratos de obra inventariamos sete artistas arrematantes[77], que se apresentam nos contratos obra, com os seguintes graus profissionais:

Quadro II – O Estatuto profissional dos artistas

O estatuto profissional	Total
Mestres canteiros	2
Pintor	2
Mestre de pedraria	1
Pedreiro	1
Escultor	1

77 Sempre que um artista era referenciado em mais de um contrato, apenas o incluímos uma vez.

Como podemos observar no quadro acima, nos contratos de arrematação de obra efetuados para a Igreja de São Dâmaso, surgem como arrematantes portadores de vários graus profissionais, que se agrupam pela pedraria, arte da talha e pintura. No que concerne a Pedro Coelho, que surge referenciado como escultor, este aparece na restante documentação por nós consultada no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, com a designação de entalhador e imaginário[78]. A definição das atribuições dos diferentes ofícios, nos séculos XVII e XVIII, faz-se hoje com imensas dificuldades, pois não existia uma precisa divisão de tarefas[79].

Em relação aos artistas arrematantes de empreitadas para a Igreja de São Dâmaso, sete artistas são locais: contabilizamos dois artistas oriundos da vila de Guimarães e os restantes quatro moradores em freguesias rurais do termo de Guimarães[80]. Morador no concelho vizinho de Fafe encontramos apenas um artista[81].

No que respeita aos ciclos construtivos, definimos até ao momento, três momentos temporais[82]:

O primeiro, entre 1691 e 1693, que envolve a reedificação e solidificação da abóbada e arco-cruzeiro da capela-mor, e o lajeamento do corpo da igreja.

O segundo, decorre entre 1693-1705, abrangendo o entalhe, douramento e pintura da estrutura retabular da capela-mor, bem como dos quatro altares laterais, após um ciclo de intervenções arquitetónicas.

O último momento, decorre entre 1784, correspondendo à edificação da torre sineira.

Ao analisarmos o quadro seguinte, podemos constatar que a Irmandade do Cordão e Chagas para o período de 1691-1784 despendeu 1613$500 réis, em obras na Igreja de São Dâmaso[83]. Estas despesas estão muito equilibradas no que concerne à arte da talha e à pedraria durante o período considerado. No entanto, se atendermos apenas ao período de 1691-1705, denotamos que os gastos na arte da talha superam em muito a pedraria[84].

---

78 No trabalho monográfico dedicado a Pedro Coelho, os autores concluem, acerca das várias designações que surgem sobre a sua profissão: "Um primeiro dado a reter, é que a denominação de escultor é a predominante com um total de 8 aparições; em seguida, é a designação de entalhador com 5 referências. Um dado peculiar, verifica-se numa compra que o artista realizou em 1701, na qual é designado simultaneamente de escultor e imaginário (OLIVEIRA, António José de; SOUSA, Lígia Márcia Cardoso Correia de – *obra cit.)*.

79 Segundo Natália Alves "mais do que uma indefinição de tarefas relativamente a cada uma das profissões, verifica-se uma polivalência das actividades dos artistas nos séculos XVII e XVIII"(*idem* – De arquitecto a entalhador. Itinerário de um artista nos séculos XVII e XVIII. *In I Congresso Internacional do Barroco,* Atas , vol.1, Porto: Reitoria da Universidade do Porto/Governo Civil do PORTO, 1991, P.358. Veja-se igualmente: *idem* – A arte da talha no Porto ... , vol.1, pp.61-66).

80 Neste grupo está incluso um artista morador na freguesia de Santa Eulália de Fermentões, natural do Reino da Galiza.

81 Referimo-nos a João Peixoto morador em São Lourenço de Golães. No entanto, no século XVIII, esta freguesia estava inclusa no concelho de Guimarães.

82 Infelizmente, não possuímos dados documentais acerca dos 14 painéis de azulejos figurativos que revestem totalmente as paredes da capela-mor que retratam a vida de São Dâmaso. J.M. Simões avança o ano de 1720, como provável colocação dos azulejos, atribuindo-os ao monogramista P.M.P. (SIMÕES, J.M. dos Santos – *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, p. 105). Sobre estes azulejos monocromos a azul, veja-se igualmente: GUIMARÃES, Alfredo – *obra cit.*, pp.159-160; ALMEIDA, Jerónimo de – *Os azulejos da Igreja de S. Dâmaso de Guimarães, 1960;* RIBEIRO, José Manuel Oliveira - *obra cit.*, p. 66; GUIMARÃES, Agostinho – *Azulejos de Guimarães.* Guimarães: ed. do autor, 2ª edição, 1997, pp. 85-90; MORAES, Maria Adelaide Pereira de – *Guimarães, Terras de Santa Maria*, *Guimarães.* Ed. do autor, 1978, pp. 14-15; DINIS, António – *Igreja de São Dâmaso,* IPA n.º 00009050. Sacavém: Instituto de Reabilitação Urbana, 2000 [Acedido em dezembro de 2013]. Disponível na internet http://www.monumentos.pt.

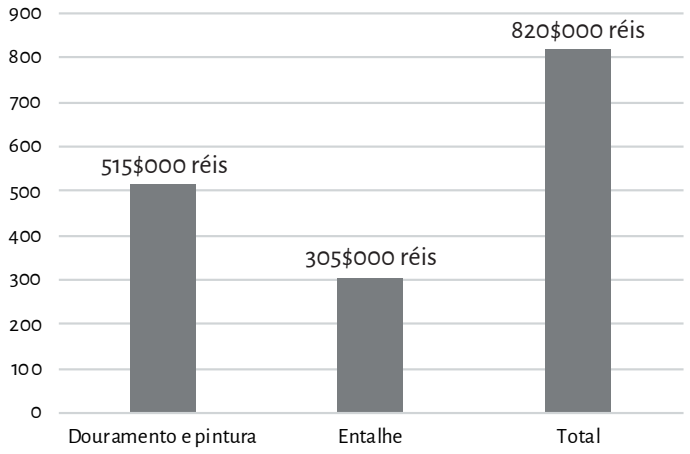
83 Devemos considerar estes valores meramente provisórios, pois a descoberta de mais documentação, alterará os valores da tabela que apresentámos.

84 Não esqueçamos que unicamente para a construção da torre sineira, em 1784, foram despendidos 680$000 réis.

Quadro III – Distribuição das despesas das obras da Igreja de São Dâmaso (1691-1784)

Tipologia contrato	Quantia
Arte da Talha	820$000 réis
Pedraria	793$500 réis
Total	**1613$500 réis**

Gráfico II – Distribuição das despesas na arte da talha (1693-1705)



No seio da arte da talha, o grosso das despesas destinou-se à fase de douramento e pintura, perfazendo 515$000 réis, como nos é dado a conhecer no gráfico II. Os gastos inerentes à arte da talha, que incluíam o entalhe e o douramento e pintura, totalizavam 63% dos gastos totais.

Como podemos constatar a fase do douramento e pintura era uma operação bastante dispendiosa, superando a fase do entalhe. Deste modo, percebemos que à fase do entalhe não se seguiu imediatamente o douramento e pintura, pois esta última tratava-se de uma operação dispendiosa. Nos casos em que temos conhecimento da execução dos retábulos e posteriormente o respetivo douramento, podemos reter que a fase do douramento (devido ao seu elevado custo) não se seguia imediatamente à colocação dos retábulos no local[85].

85 Natália Marinho Ferreira Alves apresenta vários exemplos, nos quais podemos constatar igualmente que o douramento era uma fase que nem sempre se seguia de imediato ao entalhe (ALVES, Natália Marinho Ferreira – *obra cit.*, pp.186-187). Para Guimarães e o seu termo vejam-se os exemplos apresentados por OLIVEIRA, António José de – *obra cit.*, vols.1 e 2.

A igreja São Dâmaso é na História de Arte de Guimarães uma referência, nomeadamente pela contratação de artistas locais de nomeada e principalmente por aquilo que ainda nos nossos dias podemos admirar. As obras de carácter arquitetónico e as encomendas dos programas decorativos deste templo constituem um legado importantíssimo do dinamismo religioso, económico e artístico do seu encomendador: Irmandade do Cordão e Chagas, sita no Convento de São Francisco.